



A ALUNA Ana Magalhães, a mais velha do actual grupo do primeiro ano

A escola que não vende **ILUSÕES**

Com uma década de vida e métodos pragmáticos, a ACT assume-se como alternativa ao Conservatório. Talentos como Pedro Granger, Manuel Marques e Dália Madruga 'nasceram' nesta escola de actores

Texto de Raquel Carrilho
Fotografias de José Sérgio

«Tens um plano B?», pergunta Jorge Paixão da Costa a Filipe. O aluno responde, peremptório: «Sim, continuar a tentar». «Mas até onde? Até quando?», riposta o realizador. «Até morrer», remata o jovem aluno, com um certo dramatismo shakespeariano.

Filipe Manique, 19 anos, vem todos os dias da Ericeira para Lisboa para frequentar o curso de actores da ACT. O módulo de Práticas de Plateau de Televisão, leccionado pelo realizador Jorge Paixão da Costa, é um dos últimos do primeiro ano do curso. «Não quero outra área, é isto que quero fazer, a representação é uma prioridade para mim», explica Filipe. «O meu pai escreve e eu sempre fui habituado a ler, a ir a espectáculos, a ver teatro... Ainda tentei o Conservatório, mas não entrei e ainda bem, porque é um ensino mais clássico e menos motivador para mim. A mi-

A MENTORA DA ACT, Patrícia Vasconcelos





CARTAZES de filmes antigos

nha família não recebeu bem esta escolha, muito pela falta de emprego que há na área, mas se necessário crio o meu próprio emprego», conclui.

Um a um, os quase 20 alunos vão-se apresentando a este novo professor. Em comum o desejo de vencer no mundo da representação. Há alunos do Norte ao Sul do país e até das ilhas, jovens sem forma-



FOTOGRAFIAS de ex-alunos ACT

ção além do Ensino Secundário, outros licenciados, a maioria desistiu de outros cursos, como Arquitectura, Ciências da Comunicação, Psicologia, Gestão Turística e Hoteleira... O realizador deita logo alguns sonhos por terra: «A telenovela é uma máquina trituradora de sonhos para malta como vocês porque vos cria sonhos e depois deita-vos fora. Têm de gostar mesmo disto, senão esqueçam».

Mónica Sousa, 22 anos, já provou o sabor amargo da profissão. Actualmente



UMA ALUNA corre para uma aula

a estudar na ACT, aos 15 anos tentou pela primeira vez a sua sorte como actriz. Veio dos Açores, sozinha para Lisboa, só para fazer o casting para os Morangos com Açúcar. «Passei

«Não quero outra área, é isto que quero fazer, a representação é uma prioridade para mim»

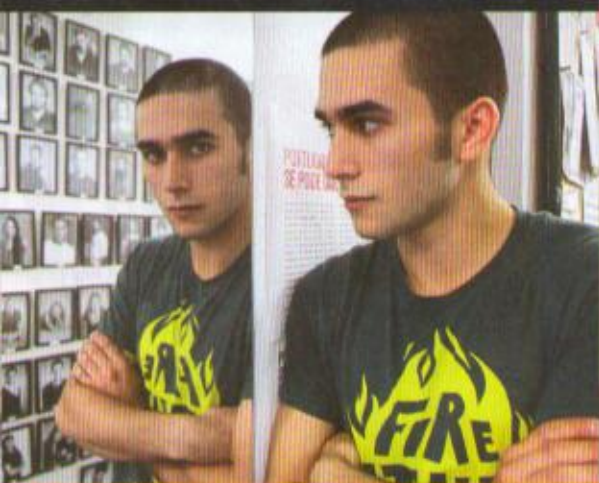
um dia inteiro à espera. Quando chegou a minha vez tiraram-me uma foto e mandaram-me embora». Voltou aos Açores, tirou outro curso, mas nunca esqueceu este sonho. Agora decidiu que não o queria adiar mais.

Outros, porém, nunca tinham sequer arriscado. É o caso de Ana Magalhães. Com 40 anos, é a aluna mais velha desta turma. Licenciada em Psicologia do Trabalho, trabalhou em recursos humanos e comunicação interna/externa durante largos anos. No regresso ao trabalho, após o nascimento do primeiro filho, sentiu-se discriminada e decidiu mudar de vida: abriu um restaurante com sala de exposições e a isto se dedicou durante quatro anos. Quando desistiu do projecto por motivos pessoais, achou que estava na altura para perseguir um desejo antigo: ser actriz. Por isto, já com dois filhos, inscreveu-se na ACT.

O nascimento de uma escola

A ACT celebra este ano uma década. Nasceu da cabeça de duas amigas, Patrícia Vasconcelos e Elsa Valentim (actualmente directora pedagógica da escola), que consideravam haver uma lacuna no ensino da representação. «Ao longo dos anos em que trabalhei em ►





O ALUNO Filipe Manique e o gabinete de Patrícia Vasconcelos



castings percebi que no Conservatório havia uma falha grande: não sabiam estar em frente a uma câmara, apesar de, no futuro, essa vir a ser uma grande fatia do seu trabalho como actores», recorda Patrícia Vasconcelos.

Conscientes desta lacuna, começaram a analisar o que já era feito noutras escolas no resto da Europa e a estruturar o curso ideal para cinema e televisão. Em Agosto de 2000 organizaram o primeiro *workshop*, de um mês, com professores como Vítor Norte, Nicolau Breyner, João Canijo e António-Pedro Vasconcelos. E aconteceu o inesperado: seleccionaram 20 pessoas e ficaram «com uma lista de espera de cerca de 400». Entre os escolhidos encontravam-se nomes como Pedro Granger, Pepe Rapazote, Patrícia Tavares, Sofia Grilo, Manuel Marques, Dália e Núria Madruga. «Foi um grupo maravilhoso e que, logo a seguir a este curso, protagonizou um boom na televisão», conta Patrícia.

Na primeira formação da ACT seleccionaram 20 pessoas e ficaram «com uma lista de espera de cerca de 400»

A verdade é que a esmagadora maioria destes primeiros alunos seguiram caminho para as produções da TVI e da SIC, à época a ganharem expressão ao nível da ficção nacional. Foi o caso do telefilme *Teorema de Pitágoras*, escrito e realizado por Gonçalo Galvão Teles e que contou no elenco, entre outros, com Patrícia Tavares e Pedro Granger, ambos acabados de sair da ACT. O actor, hoje com 33 anos, recorda que chegou até

esta formação por sugestão da também actriz Ana Brito e Cunha e da própria Patrícia Vasconcelos. «Foram umas semanas muito especiais, não só pelo grupo, mas pela oportunidade

única que foi poder aprender, experimentar e falhar». E acrescenta: «Além disto, o Nicolau Breyner, o António-Pedro Vasconcelos, a Elsa Valentim e a própria Patrícia Vasconcelos fo-

A AULA do realizador Jorge Paixão da Costa



ram um grupo de professores que, ao mesmo tempo que ensinavam, nunca esconderam os prós e contras desta profissão, nunca tentaram embelezar o caminho. O sentido de esforço, a oportunidade de trabalhar em grupo e ir descobrindo esta coisa maravilhosa que é a arte de representar, são coisas que me marcaram até hoje. A ACT não vende sonhos, mas sim as ferramentas que podemos usar para que os nossos se realizem».

Esta primeira experiência permitiu a Patrícia e Elsa perceberem que havia, de facto, mercado para um curso. «Fechámo-nos durante seis meses para estruturarmos tudo, a escola e o curso». Definiram de imediato que não formariam mais de 20 alu-

nos por ano e que o curso seria reavaliado anualmente e alvo de constantes alterações, «como um organismo vivo». Para permitir que a turma fosse tão pequena, era necessário rentabilizar o espaço da escola com outras formações e daí terem começado a dar outros cursos e *workshops*, até para crianças. E há dez anos a ACT arrancou oficialmente.

Trabalhar a auto-estima

Nos primeiros anos a publicidade era uma constante e a cada novo curso recebiam centenas de candidaturas. «Toda a gente queria aparecer». Agora o número de candidatos é menor, mas Patrícia Vasconcelos sente que os candidatos que recebem têm mais noção do que querem. Isto apesar de um grande problema com que a escola se debate actualmente: a falta de interesse pela leitura. «A revolução da televisão, *internet* e até dos telemóveis retirou aos jovens o prazer da leitura, mas quem não lê não pode ser actor. 80% dos candidatos dizem que não têm hábitos de leitura, mas aqui obrigamo-los a ler, logo no primeiro ano. Por exemplo, têm de ler o *Hamlet*».

Actualmente o curso é de três anos, com uma mensalidade que ronda os 300 euros – e já houve alunos que recorreram ao crédito bancário para o pagar e que, logo no primeiro ano de trabalho após o curso, conseguiram acertar as contas. Como a escola não exige o 12.º ano, apenas o 9.º, a maioria dos alunos é muito jovem e procura uma formação de actor diferente da do Conservatório. Na ACT aprendem técnicas de cinema, teatro, televisão e até dobragem. Ferramentas para enfrentar um mercado em crise, como sublinha Patrícia Vasconcelos. «É preciso ter em conta que o mercado está parado. Não há cinema, na televisão a *TVI* acabou com os *Morangos*, que eram uma primeira expe-

«É muito difícil ser actor em Portugal, sobretudo agora. É preciso uma grande carapaça», diz Patrícia Vasconcelos

riência importante para muitos jovens actores». Também por estas dificuldades, a directora da escola trabalha muito a auto-estima dos seus alunos. «Admiro profundamente o trabalho dos actores, pela constante rejeição, por estarem sempre a ser postos à prova. É muito difícil ser actor, sobretudo em Portugal e sobretudo agora. É preciso uma grande carapaça, por isso trabalha-

mos muito a auto-estima. Não damos palmadinhas nas costas, dizemos logo que isto é duro». Ou como Jorge Paixão da Costa avisou logo na primeira aula, «há muitos actores a passar fome em Portugal».

Dez anos depois, tanto Elsa Valentim como Patrícia Vasconcelos se sentem um pouco mães destes jovens. Ligam o televisor, vão ao teatro ou ao cinema e em cena estão actores que ajudaram a formar. A sua família: «Acho que já podemos falar uma geração ACT, que acredita na liberdade, tem uma enorme paixão e alguma loucura, um pouco à imagem do que é a nossa forma de pensar». •

raquel.carrilho@sol.pt

